

Capital do desemprego

A estatística seria impensável durante a construção e consolidação de Brasília. Hoje, 18 por cento das pessoas que moram na capital federal não têm lugar no mercado de trabalho. A constatação da Codeplan indica, ainda, que o nível de desemprego na cidade é o mais alto entre todas as capitais que realizam pesquisa semelhante.

Projetada para funcionar como um mundo reservado aos burocratas aninhados no poder público, Brasília convive agora com 147.500 desempregados, dos quais 32 mil estendem seus dramas ao universo familiar por serem casados e terem filhos. No total, uma população não localizada semelhante à que habita Sa-

mambaia sofre as consequências do desemprego.

O problema, certamente resultante dos intensos movimentos migratórios que percorrem o País, e encontraram em Brasília um ambiente favorável pela receptividade que tiveram do governo local, tende a provocar discussões que buscam culpas e responsabilidades. Mas, concretamente, é preciso ter em mente que esta realidade inquietante pode ter consequências dramáticas e exige encaminhamento racional.

O empenho do Governo do Distrito Federal em ampliar a oferta de emprego, por meio de programas como o BRB Trabalho, ou da atração de investimentos que gerem novos postos de trabalho,

muitas vezes esbarra em peculiaridades características de Brasília.

O debate sobre a industrialização do Distrito Federal, na verdade, está na base da questão. Em princípio, qualquer esforço na atração de indústrias precisa ser voltado para o limitado espectro das fábricas não poluentes.

Mas convém lembrar que os principais fatores de produção que o DF têm a oferecer, já que lhe faltam recursos naturais, situam-se em dois extremos - a tecnologia resultando do alto preparo intelectual de parcela da população, e justamente a mão-de-obra barata e desqualificada, que precisa ser treinada para que possa ocupar lugar no competitivo mercado de emprego.